

DOSSIÊ TEMÁTICO

Educação de Jovens e Adultos: Formação e Prática Pedagógica em Diferentes Contextos

DOI: <https://doi.org/10.22481/praxis.v14i29.4099>**JUVENTUDE NEGRA E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA):
REFLEXÕES NA PERSPECTIVA DA TEORIA DA RESILIÊNCIA**BLACK YOUTH AND THE EDUCATION OF YOUNG AND ADULTS (EJA):
REFLECTIONS IN THE PERSPECTIVE OF THE RESILIENCE THEORYJUVENTUD NEGRA Y EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS (EJA):
REFLEXIONES EN LA PERSPECTIVA DE LA TEORÍA DE LA RESILIENCIA*Silvani dos Santos Valentim*

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Brasil

Neusa Pereira de Assis

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Brasil

Resumo: O presente artigo toma o conceito de resiliência com vistas a uma melhor compreensão acerca do fenômeno de juvenização da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do protagonismo de seus sujeitos, os/as jovens negros/as. Os jovens de modo geral e, em especial a juventude negra não tem recebido um olhar positivo que os enxerguem enquanto sujeitos históricos, seres de possibilidade e ação. Frente a este fato, nossos argumentos buscam trazer à luz a capacidade de resiliência presente em muitos destes jovens tendo em vista diferentes elementos estressores presentes em seu cotidiano. Enquanto protagonistas do rejuvenescimento da EJA, os jovens negros foram, durante toda a pesquisa, reconhecidos a partir de suas potencialidades. Para se compreender a relevância do presente estudo no âmbito da EJA, faz-se necessário reconhecer que as desigualdades que perpassam nossa sociedade carregam as marcas do pertencimento étnico-racial dos sujeitos, para além e em detrimento de sua condição econômica. Requer, ainda, um exercício de flexibilidade, para se aproximar e compreender as diversas formas de ser jovem. Sabemos que trajetórias de escolarização de estudantes da EJA não é um objeto inédito no campo das pesquisas acadêmicas. Mas, ao tomar o conceito de resiliência na problematização sobre juventude negra na EJA, constrói-se a abordagem com uma aproximação teórica que reconhece e valoriza a experiência de vida e trajetória escolar de pessoas jovens negras, agentes de sua educação.

Palavras-chave: EJA. Juventude negra. Resiliência

Abstract: This article takes the concept of resilience for a better understanding of the Young and Adult Education (EJA) and the resiliency of young blacks. Young people in general and especially black youth have not receiving a positive approach, able to see them as historical subjects, full of possibilities to act positively. Faced with this fact, our arguments seek to bring to light the capacity for resilience present in many of these young people in view of different stressors present in their daily lives. As protagonists of the rejuvenation of the EJA, the young blacks were, throughout this research, recognized for their potentialities. In order to understand the relevance of the present study within the scope of the EJA, it is necessary to recognize that the inequalities that permeate our society carry the marks of ethnic and racial belonging of the participants, beyond the detriments of their socioeconomic condition. It also requires an exercise of flexibility, in order to approach and understand the different shapes being young can take. We know that the schooling experiences of the EJA students are not a new subject of study and research. But, in adopting the concept of resilience in the problematization of

black youth in the EJA, the approach is built with a theoretical approach that recognizes and values the lived experiences and schooling trajectory of young black people in the EJA, as agents of their own education processes.

Keywords: EJA. Black youth. Resilience

Resumen: El presente artículo toma el concepto de resiliencia con miras a una mejor comprensión acerca del fenómeno de juvenización de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) y del protagonismo de sus sujetos, los jóvenes negros/as. Los jóvenes de modo general y, en especial, la juventud negra no han recibido una mirada positiva que los vean como sujetos históricos, seres de posibilidad y acción. Frente a este hecho, nuestros argumentos buscan traer a la luz la capacidad de resiliencia presente en muchos de estos jóvenes teniendo en vista diferentes elementos estresantes presentes en su cotidiano. Como protagonistas del rejuvenecimiento de la EJA, los jóvenes negros fueron, durante toda la investigación, reconocidos a partir de sus potencialidades. Para comprender la relevancia del presente estudio en el marco de la EJA, se hace necesario reconocer que las desigualdades que atraviesan nuestra sociedad cargan las marcas de la pertenencia étnico-racial de los sujetos, además y en detrimento de su condición económica. Se requiere, además, un ejercicio de flexibilidad, para aproximarse y comprender las diversas formas de ser joven. Sabemos que trayectorias de escolarización de estudiantes de la EJA no es un objeto inédito en el campo de las investigaciones académicas. Pero, al tomar el concepto de resiliencia en la problematización sobre juventud negra en la EJA, se construye el abordaje con una aproximación teórica que reconoce y valora la experiencia de vida y trayectoria escolar de personas jóvenes negras, agentes de su educación.

Palabras clave: EJA. Juventud negra. Resiliencia

Introdução

“O que há de mais esperançador na configuração da EJA como um campo específico da educação é o protagonismo da juventude”.

Miguel Gonzalez Arroyo (2011, pg. 07).

Quem tece perguntas acerca da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil interroga um campo da educação escolar marcado pela contradição inerente à sua própria existência: o fato de ser um direito que só existe pela fragilidade de outro direito, o direito à educação escolar no tempo regular. Este campo é também marcado pela fragilidade de políticas públicas, pelo entrelaçamento com as lutas de diferentes coletivos e movimentos sociais, e, em especial, pela diversidade de sujeitos que abriga. Todavia, conforme afirma Carrano (2007), nos últimos tempos um fato vem chamando a atenção daqueles que lidam com a EJA, seja enquanto profissional ou enquanto pesquisador: o aumento expressivo de matrículas de estudantes cada vez mais jovens nesta modalidade de ensino, fazendo destes um número significativo nas salas de aula da EJA.

Observado mais de perto, este fenômeno, denominado *rejuvenescimento ou juvenização da EJA*, mostra-se ainda mais complexo pelo fato destas pessoas jovens serem em sua maioria negras (ou pretas e pardas segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE), desafiando-nos a buscar compreendê-las para além da questão geracional.

Compreender o rejuvenescimento da EJA convoca-nos a também compreender as questões étnico-raciais presentes em nossa sociedade, enquanto elemento que a estrutura e atravessa nosso cotidiano, assim como suas implicações.

A pesquisa teve lugar em uma escola pública, no período noturno, no município de Ribeirão das Neves, localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) no ano de 2016. Iniciou-se a pesquisa observando cuidadosamente o exterior da escola: seu entorno e sua arquitetura; depois seu interior. As percepções passaram a ser anotadas em um caderno de bordo, somando-se a outras informações. Com a autorização da direção da escola foram acessados os documentos da secretaria referentes ao histórico escolar dos estudantes em que foi possível perceber que, em alguns casos, a distorção idade/série era relativamente pequena. A EJA na escola onde se deu a pesquisa atendia 91 estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental e 206 dos anos finais, somando um total de 297 estudantes. Do universo de 206 estudantes **dos anos** finais do Ensino Fundamental da escola onde se deu a pesquisa, 173 eram jovens, ou seja, nasceram a partir do ano de 1986.

Aos roteiros elaborados para as entrevistas semiestruturadas, somaram-se outras questões surgidas a partir da observação e das respostas dadas, ampliando nossos conhecimentos em relação aos sujeitos e suas trajetórias de escolarização, possibilitando a aquisição de informações mais detalhadas e nos ajudando a selecionar entre os participantes 10 pessoas negras (8 pardas e 2 pretas, segundo as categorias do IBG). Como se pode observar, chegou-se a estas pessoas somente depois de todo o processo que implicou a utilização de questionários e roteiros de entrevistas através dos quais foi possível perceber que estas pessoas jovens viviam e/ou teriam vivido situações duras e/ou estressantes com influência direta ou indireta em suas trajetórias de escolarização e, de algum modo, tinham conseguido superá-las positivamente.

O recorte racial foi determinante: nosso interesse voltava-se para jovens que se autodeclarassem negros (pretos ou pardos), o que não é uma tarefa simples já que a imagem negatizada do negro, presente em diversos espaços e ensinada de geração para geração, ainda presa ao passado escravista, obstaculiza a construção de uma identidade negra positiva assim como a aderência de sujeitos a ela. Por isto, tanto na aplicação do questionário como durante as entrevistas o quesito raça/cor foi colocado mais de uma vez e de diferentes modos, e apresentou-se como um dos mais delicados de se averiguar.

Sabe-se que a presença de jovens nesta modalidade de ensino não configura uma novidade. A novidade está no quantitativo e nas razões intra e extraescolares que têm provocado este fato na atualidade. Inúmeros são os estudos que se ocupam em pensar a EJA e,

nas últimas décadas, as pesquisas veem ganhando fôlego e despertando o interesse de novos pesquisadores. Todavia, verifica-se que ainda são tímidas as iniciativas voltadas para pensar seus sujeitos enquanto sujeitos concretos, levando em conta diferentes elementos constitutivos de suas identidades, sendo esta uma questão que deve ser abordada em profundidade para que haja um melhor entendimento das atuais dinâmicas sociais que marcam esta modalidade de ensino.

Abordar o fenômeno da juvenização da EJA requer consideração e respeito às mudanças e permanências enfrentadas por esta modalidade de ensino ao longo do tempo, assim como aos diferentes contextos histórico-político-sociais em que a EJA se insere. Neste sentido, é fundamental desenvolver atitudes e posturas de estranhamento frente a estes contextos, de modo a desnaturalizar discursos e práticas já consolidadas frente às trajetórias historicamente marginalizadas. Para Pierre Bourdieu:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que a não associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 2005, p.190)

A pesquisa bibliográfica possibilitou-nos verificar o fato de que a maior parte dos estudos sobre a EJA posiciona-se no lugar da denúncia, mostrando a fragilidade desta modalidade no campo das políticas públicas e da atenção dos governantes. Quanto aos sujeitos, são mostrados geralmente a partir do recorte econômico, como membros das camadas populares. Estas abordagens, embora contribuam de forma significativa para mostrar o descaso com que a modalidade vem sendo tratada ao longo de sua história, mostram-se limitadas na medida em que invisibilizam as lutas e conquistas alcançadas no decorrer desta mesma história.

Paulo Freire foi um dos autores-chaves para pensarmos a EJA e seus sujeitos sob novas e positivas perspectivas. Miguel González Arroyo também nos ajuda a compreender o que há de positivo na presença dos jovens na EJA e mais, a vê-los como seres de possibilidades e capacidades, como sujeitos históricos. Reconhecer a humanidade destes sujeitos foi decisivo para que pudéssemos considerar que em suas trajetórias escolares, havia muito mais que simples fracasso; havia também uma perseverança, uma insistência quase teimosa em não se deixar abater.

Geralmente as pessoas que frequentam a EJA estão e/ou estiveram expostas a vários fatores estressantes em suas trajetórias de escolarização. Estes fatores encontram-se dentro e

fora da escola, exigindo destes sujeitos um equilíbrio e a construção de fortalezas psicológicas, físicas e emocionais. O conceito de resiliência e como certos sujeitos tem sido resilientes em relação a certas adversidades é um contributo importante desta reflexão sobre a EJA.

Soma-se a este quadro a realidade socioeconômica deste grupo: trata-se de jovens pobres e, em sua maioria, moradores de periferia, o que torna a busca pelo trabalho uma questão de sobrevivência (SPÓSITO, 2003). Diante desse contexto, a ideia de resiliência entendida a partir da perspectiva da psicologia como a “capacidade que denota certas pessoas, grupos ou comunidades para evitar, fazer face ou mesmo ultrapassar os efeitos desestruturantes que seriam muito prováveis em consequência da exposição a certas experiências” (SIMÕES, 2001, p.95), ocupou um lugar central nesta pesquisa que lança seu olhar sobre as trajetórias de escolarização dos sujeitos jovens da EJA sob outro prisma, levando em conta e respeitando suas condições de sujeitos históricos.

Ao dimensionarmos o lugar da resiliência frente à atual configuração da EJA, tendo como foco pessoas jovens negras, esperamos contribuir com o debate acerca das questões identitárias, sobretudo aquelas que se ocupam de pensar a identidade negra e a identidade juvenil, problematizando algumas concepções que se baseiam na ideia de um tipo ideal, único, desconsiderando a complexidade e os atravessamentos inerentes a qualquer identidade; refletir acerca dos espaços negados à juventude negra, direta ou indiretamente, como o espaço escolar e do mercado de trabalho. Esperamos ainda, e em maior medida, somar esforços junto àqueles que se dedicam a pesquisar a EJA e seus sujeitos, reconhecendo-os enquanto *seres de possibilidades*, e com certeza, para além disto.

Enquanto possibilidade, a resiliência pode ou não manifestar-se nos sujeitos através de seus comportamentos, mas é preciso considerá-la, ainda mais quando se trata da população negra, cujos sujeitos vêm de longa data tentando ressignificar termos e valores como forma de inserção positiva e de valorização da sua identidade, e sobreviver em meio a um verdadeiro campo de batalhas. Somente em contextos de estresse e adversidade é possível encontrar sujeitos com comportamentos resilientes. A EJA insere-se nestes contextos, podendo inclusive vir a ser um deles.

EJA e relações étnico-raciais

Para Boaventura Sousa Santos, “nosso tempo não é um tempo de respostas fortes. É antes um tempo de perguntas fortes e respostas fracas” (2007, pg. 23). Diante do novo e desafiador fenômeno de rejuvenescimento da EJA, cabe a nós questionar: quem são estas pessoas jovens? Quais fatores as têm levado, em número cada vez maior, a essa modalidade de ensino? Em que medida seu pertencimento étnico-racial influencia neste processo? Perguntas fortes, certamente, principalmente pela constatação do elevado número de pessoas negras entre os estudantes jovens da EJA. O pertencimento racial destas pessoas jovens traz à luz o debate sobre a distância entre igualdade formal e igualdade real no que tange à diversidade cultural que compõe nossa sociedade. No bojo dessa discussão, vê-se que apesar de ostentar um discurso de tolerância em muito sustentado pela democracia racial, o Brasil ainda vive um grave quadro de desigualdade e exclusão que atinge diretamente a população negra, estando a juventude negra dentre um dos segmentos mais atingidos. Conforme descreve Silva (2010):

A presença de jovens negros na EJA precisa ser problematizada para além do discurso de “garantia do direito à escolarização.” Levando-se em consideração as desigualdades sociais, raciais e educacionais, só o fato de encontrarmos esses sujeitos compondo, de forma maciça os bancos escolares da EJA é revelador de que os processos de exclusão escolar vividos pelos jovens, sobretudo os pobres, no ensino médio afetam de forma mais incisiva um determinado grupo étnico-racial. (SILVA, 2010, P. 142).

Ao ampliarmos nosso olhar acerca do rejuvenescimento da EJA, vemos que muitas destas pessoas persistem, buscando na EJA a possibilidade de continuar seus estudos e conseguir um emprego melhor, nos levando a interrogar a partir de suas trajetórias de escolarização e vida sobre as demonstrações de resistência apresentadas por este segmento populacional. Para tentar responder da maneira mais contundente possível, tomamos o conceito de resiliência.

A resiliência tem sido utilizada como um conceito chave de leitura, um mapa de compreensão acerca dos movimentos de insistência realizados pelas pessoas jovens da EJA frente a situações desmotivadoras, estressantes e/ou evitadas de racismo; para por fim, elaborarmos a ideia-conceito de resiliência enquanto uma atitude mental elaborada por sujeitos oprimidos frente à opressão que os permite não sucumbir a tal.

Sabemos que, historicamente, a população negra vem ocupando os piores indicadores sociais, como os de educação e trabalho, protagonizando um quadro de desigualdade, o que “implica um sistema hierárquico de integração social” (SANTOS, 1999, pg. 2) e sendo alvo de práticas de preconceito e discriminação, diretas ou indiretas, objetos deste *olhar enviesado*

de que nos fala Milton Santos, denunciando o manto de suspeição que recobre a população negra ainda nos dias atuais. No que diz respeito aos jovens da EJA, diferentes estudos como o de ARROYO (2011), BRUNEL (2008) e SOARES (2011) demonstram o constante histórico de trajetórias de escolarização tidas como não lineares uma vez que são marcadas pela repetência e evasão.

Resiliência: definindo conceitos

O conceito de resiliência tem sua origem na Física onde é entendido como a capacidade de alguns materiais de acumular energia quando submetidos a situações de stress sem se romper ou deformar. A metáfora usada neste caso é a de uma goma de elástico ou a uma vara de saltar. Com o tempo, porém, o conceito foi sendo apropriado pela psicologia e ganhou um novo entendimento passando a ser considerado como a capacidade que alguns sujeitos desenvolvem ao longo da vida de lidar com problemas e situações adversas sem se deixar abater.

Acerca deste constructo no campo da psicologia, Yunes e Szymanski (2001) advertem que:

Sua definição não é clara nem tampouco precisa quanto na Física ou na Engenharia (e nem poderia ser), consideradas a complexidade e a multiplicidade de fatores e variáveis que devem ser levados em conta no estudo dos fenômenos humanos. (...) Para apenas usar uma metáfora, poder-se-ia dizer que a relação tensão\pressão com deformação-não-permanente do material corresponderia à relação situação de risco\ estresse\ experiências adversas com respostas finais de adaptação\ajustamento no indivíduo, o que ainda nos parece bastante problemático, haja vista as dificuldades em esclarecer o que é considerado risco e adversidade, bem como adaptação e ajustamento. (YUNES; SZMANSKI, 2001, p.16)

As considerações das autoras são bastante pertinentes e nos convidam a refletir acerca das singularidades dos sujeitos e suas reações frente a um mesmo elemento estressor. Todavia, o olhar negativo que insiste em se demorar sobre a população negra faz com que, em muitos casos, esta seja vista como uma massa uniforme, vítima (e não sujeito) do processo histórico. Este olhar tende a coisificar os estudantes da EJA, não os enxergando como sujeitos capazes de desenvolver comportamentos resilientes.

Neste sentido, a utilização do conceito de resiliência em educação, por exemplo, não pode ser considerada como um traço de personalidade, mas como um processo dinâmico que pode variar em diferentes contextos. A resiliência é um constructo dinâmico e que, portanto, se modifica ao longo da vida conforme as circunstâncias passadas e presentes.

Sendo assim, há que se considerar que a presença destes jovens na EJA, em especial das pessoas jovens negras, pode ser vista sob dois ângulos, não necessariamente excludentes: podemos olhá-la a partir da perspectiva da ausência, ou seja, o que faltou e/ou o que não deu certo nas trajetórias de escolarização destes sujeitos para que hoje façam parte do corpo discente da EJA, como podemos olhá-la a partir de suas potencialidades, ou seja, o que há nestes jovens e em suas trajetórias, que os levam a continuar, apesar de tantas adversidades. Neste sentido,

Trata-se de captar que, nessa negatividade e positividade de suas trajetórias humanas, passam por vivências de jovens-adultos onde fazem percursos de socialização e sociabilidade, de interrogação e busca de saberes, de tentativas de escolhas e formação de valores. As trajetórias sociais e escolares truncadas não significam sua paralisação nos tenso processos de sua formação mental, ética, identitárias, cultural, social e política. [...] (ARROYO, 2005, p.24).

Entender esta não paralisação de que nos fala Arroyo, tomando como sujeitos os jovens negros da EJA, é também entender a resiliência no âmbito da educação. Paulo Freire foi um dos pensadores brasileiros que mais se levantou contra o que ele mesmo chamou de *discursos pragmáticos*. Ao se colocar do lado dos “condenados da Terra”, Freire não só questiona o fatalismo que ele mesmo acusa de cínico, como aqueles para quem “o futuro perdeu sua problematicidade”. Estes, para Freire, “perderam seu endereço na História”.

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de história e cultural, passa a ser ou a virar quase natural. Frases como a realidade é assim mesmo, que podemos fazer? (...) expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora. (FREIRE, 1996, p.10)

Tais discursos desconsideram a possibilidade de ação e atuação dos sujeitos frente à sua realidade vivida e, ao fazê-lo, desumanizam estes sujeitos. A presença de jovens negros na EJA nos ajuda a perceber que nos mostra que “a hominização não é adaptação: o homem não se naturaliza, humaniza o mundo. A hominização não é só um processo biológico, mas também histórico” (FREIRE, 1987, p.14).

Segundo Antunes apud *et al* Poetini (2010, p.8):

Resiliência é uma abordagem teórica e um conceito extraído da física e muito usado pela engenharia e que representa a capacidade de superar o distúrbio imposto por um fenômeno externo e inalterado. Do Houaiss – *Dicionário da Língua Portuguesa* – é a propriedade de retornar à forma original após ter sido submetido a uma deformação ou capacidade de se recobrar ou de se readaptar à má sorte, às mudanças (do latim *resilientiae*,

part. pres. pl. neut. de resiliere, “recusar vivamente”). Aplicado à vida humana e animal, representa a capacidade de resistência a condições duríssimas e persistentes e, dessa forma, diz respeito à capacidade de pessoas, grupos ou comunidades não só de resistir às adversidades, mas de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social.

Ainda sobre resiliência, destacamos os trabalhos de Tavares (2001), importante pesquisador que se debruça a pensá-la no âmbito da educação, sendo emblemática a obra por ele organizada “Resiliência e Educação” (2001) na qual o autor alerta sobre a importância deste tema na sociedade emergente e defende a ideia de que a escola deve formar sujeitos resilientes. Já no espaço acadêmico, verifica-se um crescimento das pesquisas voltadas para o tema, como por exemplo, as desenvolvidas por (COSTA, 2012), (MARTINS, 2013), (NADAL, 2007), (RODRIGUES, 2012), o que nos mostra, além da sua importância, que a educação não é um terreno sem conflitos.

Olhar posicionado: o lugar da resiliência na EJA

Para lançarmos um olhar sobre as pessoas jovens da EJA com foco na resiliência, foi preciso considerar todo um contexto de desigualdade, discriminação e violência material e simbólica em que estas trajetórias são construídas como também seu vínculo na formação dos sujeitos e de suas identidades, tomando como premissa que nenhuma trajetória se faz fora do tempo e do espaço, e nem estão imunes à interações com outras trajetórias.

Enquanto categoria originária da Física, *trajetória* pode ser entendida como caminho, percurso ou trajeto percorrido por um corpo em movimento (ALVARENGA e MÁXIMO, 2008). Ainda com a Física, aprendemos que uma trajetória varia de acordo com o ponto de vista; a posição do olhar incide sobre o que se vê e o que se avalia acerca do que foi visto.

Segundo Arroyo, “a visão reducionista com que, por décadas, foram olhados os alunos da EJA – trajetórias escolares truncadas, incompletas – precisará ser superada diante do protagonismo social e cultural desses tempos da vida” (2005, p.31). Diante desta reflexão adotamos o conceito de trajetória elaborado por Pierre Bourdieu, ou seja, uma “série de posições sucessivas ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2005, p.190).

O rejuvenescimento da EJA insere-se em um contexto histórico que, sob o ponto de vista das questões sociais e raciais, coloca em xeque discursos acerca da neutralidade na

educação, assim como a ideia de uma sociedade com oportunidades iguais para todos, além de apontar as desigualdades estruturais enfrentadas pela população negra. Para analisarmos as trajetórias de escolarização de jovens negros da EJA, fez-se necessário considerar todos estes nós sociais, tendo em vista que “a EJA adquire novas dimensões se o olhar sobre os educandos se alarga” (ARROYO, 2011, p.99).

Para Silva (2013),

A educação de jovens e adultos é compreendida como um processo dialético e dialógico de formação humana, que abrange todos os aspectos da existência dos sujeitos que a integram. O pressuposto dessa compreensão é o próprio fazer educativo, cuja efetividade se dá não apenas entre esses e seus pares, mas em todos os movimentos que ocorrem na escola e na relação da escola com a comunidade. (SILVA, 2013, p.136)

Trata-se de uma concepção moderna da EJA, que aponta para seu alargamento e reconhecimento enquanto *educação*, e não mero ensino. Na caminhada da EJA no Brasil, marcada por avanços, estagnações e até retrocessos, podemos destacar a aprovação da atual Constituição Federal ocorrida em 1988, resultado do processo de redemocratização do país, como um importante marco legal, uma vez que seu artigo 208 traz a obrigatoriedade do Estado com a educação, inclusive para aqueles que não tiveram acesso à idade própria. Neste sentido, para Haddad (2002), “a EJA é uma conquista da sociedade brasileira. O seu reconhecimento como um direito humano veio acontecendo de maneira gradativa ao longo do século passado atingindo sua plenitude na Constituição de 1988” (HADDAD, 2002, p.8).

Contudo, Carrano (2004) nos adverte que:

A heterogeneidade etária e o caráter cada vez mais urbano dos alunos transformam o perfil de um trabalho que, durante um bom tempo, caracterizou-se pela presença quase que exclusiva de adultos e idosos com fortes referências aos espaços rurais. (CARRANO, 2004, p. 34).

Partindo da perspectiva da EJA enquanto um direito social e humano, e levando em consideração seu *novo* perfil, procuramos compreender os comportamentos de resiliência elaboradas por pessoas negras trabalhadoras, estudantes dessa modalidade de ensino. Conforme nos informa Pais (1990), embora partilhem de pontos em comum, a categoria *juventude* encerra em si uma flexibilidade que possibilita diferentes conceituações. Não obstante, sabemos que enquanto sujeitos históricos, nosso olhar sobre o mundo é permeado por ideologias e valores, de modo que este olhar nunca vai ser neutro. Para estudiosos/as da EJA como Carrano (2007), Spósito (2007) e Pais (2008), e estudiosos de juventudes como Dayrell (2003), o termo juventude abarca uma categoria complexa por causa da diversidade

de sujeitos que abriga. Em comum, estes autores trazem o debate acerca da necessidade de se pensar a juventude para além da questão biológica.

Segundo Dayrell (2003):

Podemos entender a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. (DAYRELL, 2003, p.42).

Verifica-se que, mais que uma etapa biológica e muito mais que uma massa uniforme, a categoria juventude vem sendo problematizada por vários pensadores como Pais (2008) que acredita que “quando falamos de juventude pensamos numa realidade nominal que, artificialmente, tende a esconder ou anular as distinções que de fato existem entre os jovens” (PAIS, 2008, pg. 08). Ser jovem e viver a juventude são experiências vivenciadas de modo singular, que vão depender de uma série de outras experiências e pertencimentos que estes sujeitos carregam como condicionantes, e não determinantes, de seu estar e agir no mundo. Para Pais (2003),

[...] a juventude, quando aparece referida a uma fase de vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo. (PAIS, 2003, p.40)

A colocação do autor lança o desafio de romper com lógicas deterministas e evitar olhares apressados e superficiais, descolados dos diferentes contextos em que estes sujeitos estão inseridos. A necessidade desse tipo de rompimento já era sinalizada por Freire (1987) quando afirmava:

Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isso não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres *condicionados, mas não determinados*. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, que o futuro, permita-me reiterar, é *problemático* e não inexorável. (FREIRE, 1987, p.55).

A rica afirmativa do autor traz reflexões profundas acerca da condição humana, para além da matéria orgânica, colocando os seres humanos, enquanto sujeitos históricos. Ao fazer isto, o autor reconhece capacidade de ação e decisão como condição ontológica e não determinística, ou inexorável.

Não obstante todo este debate constata-se que algumas identidades vêm sendo alvos de olhares rápidos e estereotipados, assim como de racismo, preconceito, exclusão e violência. Referimo-nos aqui às minorias políticas como as mulheres, indígenas, ciganos, negros, jovens, pessoas LGBTIQ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travesti, Intersexo e Queer), em especial quando tomadas em sua interseccionalidade, potencializando tais práticas discriminatórias, estereotipadas e criminosas.

Charlot (2005), a partir de uma pesquisa realizada, aponta três possíveis respostas para o fracasso de certos alunos, em especial os de camadas populares: a primeira seria a de que há alunos mais ou menos dotados, a segunda se apoia na ideia de que certos alunos sofrem de deficiências socioculturais e a terceira, de que a escola é capitalista e burguesa. O próprio autor refuta as três explicações apontando seus limites e inconsistências. Todavia, quando falamos de jovens da EJA estas explicações tornam-se ainda mais frágeis e insuficientes, pois não contemplam o pertencimento étnico-racial dos sujeitos. Este elemento identitário não pode ser simplesmente desconsiderado no bojo dos debates e reflexões acerca do rejuvenescimento da EJA, não só pelo fato de serem os jovens negros quantitativamente em maior número entre os presentes na EJA, mas pelas implicações qualitativas que isto acarreta.

Embora a expressão *raça* não faça mais sentido no âmbito da Biologia, como era comum nos séculos XIX e início do século XX, vivemos em uma sociedade racializada na qual *raça* pode ser entendida enquanto uma construção histórica e social, uma realidade social (HALL, 2003; SCHWARCZ, 2010). Realidade esta que ainda hoje continua a criar obstáculos à inserção do negro no mundo dos brancos. Enquanto forma de exclusão estruturante da sociedade capitalista, machista e sexista, o racismo é cotidiano, mas pretende-se que passe despercebido ou camufla-se, dificultando seu enfrentamento.

Frente a todo um acúmulo de desigualdades que recai sobre a população negra, a ideia de resiliência apresenta-se como uma *possibilidade real* de compreensão do modo como, ao longo do tempo, negros e negras vêm superando estas e outras adversidades de ordem material e simbólica.

A cor da resiliência

O autor Lahir (2008), ao questionar acerca do que produz a diferença e o que produz a desigualdade, afirma que:

Quando se trata de analisar situações de desigualdade social, é importante começar por perguntar em que condições históricas uma pequena diferença social ou cultural se pode transformar numa desigualdade social ou cultural. Isto porque nem todas as diferenças são interpretáveis em termos de

desigualdade social nem produzem sistematicamente um sentimento de injustiça. Basta, para tal, aludir a múltiplos casos e considerar as diferenças relativas aos objetos, às práticas e às competências sem grande valor, ou mesmo desvalorizadas, *do ponto de vista das crenças colectivas mais commumente partilhadas*. (LAHIR, 2008, p.79)

No que diz respeito à população negra brasileira, conforme viemos argumento, as condições históricas contribuíram e continuam a contribuir para a perpetuação da desigualdade e subjugação deste povo que constitui 53% da população brasileira e é o maior contingente do mundo, somente superado pela Nigéria, país da África. Identificar, conhecer e entender o cotidiano da população negra é um exercício complexo que nos coloca diante de rígidas e camufladas estruturas de discriminação e de situações constantes de tensão. Ficamos com a sensação de que parece não haver um momento de trégua, de alívio, no qual esta população pudesse descansar. Estamos falando de um grupo que foi violentamente escravizado no passado e que hoje vê os seus jovens serem assassinados em grande escala. Todavia, este mesmo cotidiano nos dá pistas fortes de que não estamos lidando com um grupo homogêneo de derrotado. Pelo contrário, houve e ainda há aqueles dados que irão contrariar as estatísticas, fazendo da adversidade mola propulsora e razão de fortalecimento pessoal e da comunidade negra.

Diante de situações-limite advindas de seu pertencimento racial, homens e mulheres negras precisam (e muitos tem conseguido com sucesso) encontrar meios de não sucumbir, de não se dobrar ao peso do racismo institucional, indo de encontro e vivenciando aquilo que Freire (1992) denominou de “inédito viável”:

O inédito viável é na realidade uma coisa inédita, ainda não conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um percebido destacado pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade. Assim, quando os seres humanos conscientes querem, refletem e agem para derrubar as situações limites que os e as deixaram a si e a, quase todos e todas limitados a ser menos, o inédito viável não é mais ele mesmo, mas a concretização dele no que ele tinha antes de inviável. Portanto, na realidade são essas barreiras, essas situações-limites que mesmo não impedindo, depois de percebidos-destacados, a alguns e algumas de sonhar o sonho, vêm proibindo à maioria a realização da humanização e a concretização do ser mais. (FREIRE, 1992, p. 207)

Nesse sentido, relacionar resiliência com sujeitos negros é uma ação viável, necessária e justificável na medida em que conhecemos e reconhecemos o fato de que estes sujeitos nascem e vivem em contextos de extrema adversidade. Ao fazê-lo, porém, é mister lançarmos

mão de um olhar voltado para os aspectos positivos destes sujeitos e suas trajetórias. Ao assumirmos a resiliência como uma potencialidade dos negros, sujeitos de alto risco social, estamos nos posicionando contrários ao fatalismo e reconhecendo a capacidade destes de adaptação (positiva) - o que não significa resignação - e superação.

Apesar da importância da temática, há pouquíssimos estudos que relacionam a resiliência com o pertencimento racial dos sujeitos, principalmente dos negros, havendo uma lacuna no que tange a maiores conhecimentos acerca da questão. Martins (2013) lança algumas luzes sobre a questão em sua dissertação de mestrado na qual investiga a resiliência em mulheres negras que tiveram sucesso educacional. A autora que se utiliza da expressão “afroresiliência” para designar a resiliência de afrodescendentes, acredita que:

A resiliência do afrodescendente é indiscutivelmente singular a qualquer outro grupo por ser uma resiliência alicerçada na resistência, na alegria e na perseverança. Estudos sobre resiliência promovem uma desconstrução do valor atribuído ao afrodescendente no imaginário coletivo, que por séculos carrega estigmas e estereótipos que não condizem com a sua realidade. (MARTINS, 2013, p. 87)

Ao se debruçar sobre as histórias de sucessos escolares de mulheres negras, Martins (2013) não só abre novas frentes como contribui efetivamente na desconstrução de estigmas e estereótipos ligados à população negra. A autora afirma haver uma singularidade no tipo de resiliência identificada entre os afrodescendentes, considerando que sobre este grupo recaem adversidades específicas, que os preconceitos sofridos por estes são agravados pela cor da sua pele. Há que se pensar na *cor da resiliência*: negra.

O esforço desta população para se manter viva, simbólica e materialmente, para não sucumbir frente a tantos desafios, para não desanimar, para traçar outros destinos, diferentes daqueles pré-determinados, construindo diuturnamente estratégias de sobrevivência, são fortes sinais de resiliência que merecem ser investigados.

A presença da(s) juventude(s) na EJA lança luzes e traz à tona processos complexos de exclusões históricas que se relacionam com o pertencimento geracional/etário, mas que não se encerra neste, de modo que, culpar os jovens - embora seja o caminho mais rápido e comum para explicar o rejuvenescimento da EJA- é camuflar dados de uma realidade excludente, contribuindo para sua perpetuação.

Peregrino (2011), ao investigar o que ela denomina de novas desigualdades escolares, aquelas produzidas após a universalização da escolarização fundamental que trouxe para dentro da escola um quantitativo significativo de *novos* sujeitos que antes era minoria neste

espaço, aponta que “se a expansão da escola aos jovens pobres se inicia nos anos de 1970, a década de 1980 traz uma “novidade” em termos de população escolar. A “novidade” eram os pobres, negros, favelados, deficientes físicos, crianças, adolescentes e jovens com dificuldades de aprendizagem que modificavam o perfil da escola e ocasionavam a “saída em massa das classes médias do interior da instituição” (PEREGRINO, 2011, p. 86).

O amparo legal que garante a estes sujeitos o direito de estar na escola apresenta-se sem força suficiente para evitar processos internos de exclusão, que fazem com que sejam excluídos dentro da escola, estando na escola. Esta constatação nos leva de encontro à afirmativa de Dubet (2001, pg. 11): “quanto mais se refinam os estudos, mais se evidencia a manutenção ou consolidação de microdesigualdades”. Ou seja, as grandes desigualdades, vistas como inadmissíveis e motivo de denúncias, somam-se desigualdades cotidianas, que a princípio, podem parecer de menor impacto, mas que geram zonas de exclusão e apartheid em espaços que deveriam ser democráticos e obstaculizam a ascensão de determinados grupos.

A seleção às vezes sutil, mas nem por isto menos perversa, por que estes sujeitos passam em seu cotidiano escolar, marcam suas trajetórias e impactam a construção de conhecimentos cognitivos e afetivos; marcando-os acima de tudo, enquanto sujeitos. Ao refinarmos os estudos acerca do rejuvenescimento da EJA, percebemos que tal seleção se dá por processos discriminatórios construídos dentro e fora da escola que trazem a marca inegável da discriminação racial. Contudo, o elevado número de evasão na EJA, nos dá uma pista de que esta seleção ocorre também no interior desta modalidade.

Sabemos que para os alunos do ensino regular há todo um fluxo de acompanhamento de frequência que, uma vez não seguido, implica em penalidades para a escola e/ou para as famílias; já na EJA, parece haver uma naturalização da evasão, de modo que esta não parece incomodar. É como se estes estudantes não fizessem parte do corpo discente, fossem elementos estranhos ao grupo, ou pior, como se seu lugar realmente não fosse, de fato, na escola (VALENTIM, 2006). Para Dubet (2003):

O problema da exclusão escolar não se limita ao núcleo dos alunos com grande dificuldade. Pode-se considerar que ele provoca um efeito de halo sobre o conjunto de experiência escolar na medida em que aparece como uma ameaça difusa, de exclusão relativa e revela uma contradição essencial da escola quanto ao lugar que é reservado ao sujeito e suas responsabilidades. De fato, o problema da exclusão não é apenas saber, de maneira mais ou menos incisiva, quem é excluído, mas conhecer os efeitos dessa exclusão sobre os atores (DUBET, 2003, p.119)

Todos os estudantes da EJA possuem a marca da exclusão escolar, ainda que nem todos se deem conta disto. Os efeitos desta exclusão são bastante variados, depende de como

cada sujeito irá lidar com ela. Aquilo que Dubet (2003) chama de “experiência da exclusão” coloca a instituição escolar em uma situação delicada na medida em que mostra que o princípio de igualdade, um dos postulados da escola democrática, tem funcionado muito mais como uma máscara do que como uma realidade vivida. Estar neste espaço de forma positiva, exige dos excluídos muito mais que inteligência cognitiva; exige o desenvolvimento de características e habilidades que os potencialize a lidar com situações de estresse permanente.

Ao analisarmos o fenômeno do rejuvenescimento ou juvenização da EJA, nos deparamos com um cenário de fragilidade de políticas públicas educacionais e uma estrutura escolar que exclui mesmo aqueles que estão em seu interior. Os jovens - cada vez mais jovens-que chegam em maior número nesta modalidade de ensino, comprovam esta afirmativa; como comprovam também que a exclusão escolar está imbricada com práticas e posturas racistas. Frente a esta realidade, não se pode deixar de reconhecer que tais jovens vivenciaram e vivenciam situações estressantes e adversas, assim como discriminações de diferentes ordens (VALENTIM, 2006).

A princípio tal reconhecimento pode corroborar teses que apontam serem estes jovens “sujeitos do fracasso”, àqueles dos quais não devemos esperar nada de bom. Suas histórias de vida e de escolarização marcadas pela repetência comprovariam a incompetência destes sujeitos por meio de suas próprias vidas. Porém, utilizando esse mesmo contexto, analisando e reconhecendo essa mesma realidade, sob uma perspectiva crítica na qual, levando-se em conta os motivos da exclusão, reconhecendo-se esses jovens como sujeitos históricos capazes de ação e decisão, verifica-se que mais que histórias de fracasso, o que se encontra no rejuvenescimento da EJA são histórias de superação e resiliência, uma vez que:

Não há dúvida de que o desenvolvimento de capacidades de resiliência nos sujeitos passa através da mobilização e ativação das suas capacidades de ser, de estar, de ter, de poder e de querer, ou seja, pela sua capacidade de auto-regulação e auto-estima como rasgo essencial da personalidade. As pessoas, mesmo aquelas que têm carências e necessidades especiais, são imensamente ricas, dispõem de enormes recursos, são sujeitos de poder e de querer, de vontades imensuráveis. (TAVARES, 2001,p.52)

Os jovens para estarem na EJA necessitam cotidianamente mobilizarem recursos internos e externos que os permitam continuar suas trajetórias de escolarização sem sucumbirem ou desenvolverem patologias psicológicas como depressão, não aceitação de si e/ou do outro, ou agressividade por exemplo. Adaptar-se às novas realidades, buscando

construir nestas histórias de sucesso, não faz desses jovens sujeitos resignados ou passivos, mas sim, sujeitos resilientes.

Neste sentido, reafirmamos que para uma melhor compreensão da modalidade de EJA na atualidade, tomando como referência seus sujeitos educandos, faz-se necessário a construção de novos olhares que superem a visão reducionista e fatalista acerca destes sujeitos e da própria modalidade. Temos argumentado apoiados no quadro teórico que ampara e orienta este estudo, que a resiliência pode ser um conceito-chave para uma compreensão efetiva acerca do rejuvenescimento da EJA na medida em que lança novas luzes sobre o mesmo e seus protagonistas.

A noção de resiliência pretende, assim, consubstanciar conceitualmente uma especificidade estrutural do desenvolvimento psicológico, que traduz na capacidade que denotam certas pessoas, grupos ou comunidades para evitar, fazer face ou mesmo ultrapassar os efeitos desestruturantes que seriam muito prováveis em consequência da exposição a certas experiências. (RALHA-SIMÕES, 2017, p.95)

As experiências escolares e extra-escolares vivenciadas pelos jovens da EJA, embora sejam diversas, variando se sujeito para sujeito, trazem pontos em comum, entre eles, aqueles ligados à discriminação sofrida por estes jovens em razão de seu pertencimento racial. Ao elegermos como sujeitos da pesquisa jovens negros trabalhadores, estamos lidando com uma complexa articulação de identidades presentes em um mesmo sujeito, todas elas com dificuldade de inserção e aceitação social.

Na figura a seguir, buscamos ilustrar nosso ponto de vista, apresentando algumas adversidades enfrentadas por estes jovens:

Figura 1: Círculo de Adversidades e Resiliência



Fonte: Elaborado pelas autoras: Valentim e Assis

Ao elegermos a resiliência como chave de leitura para o rejuvenescimento da EJA, não estamos negando ou negligenciando os fatores negativos que estão por traz deste fenômeno, mas sim vendo a partir destes. A resiliência só é desenvolvida e só pode ser percebida em sujeitos inseridos em contextos adversos.

A necessidade de outros olhares sobre o rejuvenescimento da EJA é uma demanda real, colocada pelos seus protagonistas àqueles que desejam de fato compreender este fenômeno para além dos estereótipos e discursos reducionistas. Conhecer os processos e trajetórias de escolarização dos jovens da EJA nos mostra ser a resiliência uma forte possibilidade para justificarmos a presença e insistência destes jovens na escola, ao mesmo tempo em que reafirme a heterogeneidade inerente à juventude e aos jovens. Os jovens da EJA, sejam eles negros ou não, são sujeitos diversos, que reagem e respondem de modo diferenciado aos desafios que lhes são colocados. Neste sentido, nosso argumento é o de que para se conhecer e compreender o rejuvenescimento da EJA na atualidade há que se considerar novos primas, que reconheçam a humanidade nos jovens da EJA e sua enorme capacidade de “contrariar as estatísticas”.

Considerações Finais

O fato de desejarmos compreender a juvenização da EJA a partir da resiliência de seus sujeitos protagonista, os jovens negros, trouxe à tona questões ligadas à formação da identidade negra, assim como da história e lugar da população em uma sociedade como a que vivemos, na qual, apesar de se reconhecer que a raça não pode ser considerada como um atributo biológico, a mesma permanece como um forte fator de diferenciação e hierarquização social, mostrando que, o rejuvenescimento da EJA, diz respeito não apenas às questões de âmbito pedagógico ou geracionais. Ele está fortemente imbricado com as estruturas e práticas racistas presentes em nosso cotidiano, logo, com aquilo que denominamos de questões étnico-raciais.

Constatamos que a presença de jovens na EJA não é um fato novo. A novidade está em seu aumento significativo e nos motivos deste aumento, o que nos autorizar a utilizar a expressão “rejuvenescimento” ou “juvenização” para nomear a realidade da EJA na atualidade. Constatamos ainda que o racismo agrava e potencializa outras de discriminação e precisa ser visto como elementos estruturante da nossa sociedade e suas relações; a história é sempre uma possibilidade e nunca um fato dado e consumado e, por fim; os jovens negros da

EJA são sujeitos históricos, reconhecê-los como tal é reconhecer sua capacidade de ação e transformação da realidade que lhes é colocada.

Entendida como uma atitude mental, a resiliência pode também ser tomada como uma postura, um comportamento que se tem diante de uma adversidade. Embora seja uma característica exclusivamente humana, não podemos dizer que se nasce com ela, ou mesmo que uma pessoa seja resiliente. Cada um de nós é resiliente em relação a algo, diante de alguma situação; o que significa que podemos não ser resilientes em relação a outras situações.

Nossa intenção ao relacionar as pessoas negras da EJA à resiliência era primeiro evidenciar e trazer à luz sua condição humana, recuperando a ontologia da pessoa negra, o que rompe com as lógicas fatalistas e reducionistas em relação a essas pessoas jovens; segundo, problematizar o rejuvenescimento da EJA para além das questões geracionais e, terceiro, contribuir no alargamento do olhar acerca da EJA e seus novos sujeitos.

Acredita-se ter conseguido, ao final desta reflexão, contribuir para o despertar de novos olhares acerca da EJA e seus sujeitos, reconhecendo seus pertencimentos identitários. Posto que pensar e reconhecer a juventude negra na EJA pode nos ajudar na fundamentação de uma práxis pedagógica, assim como possibilitar a formação de outra mentalidade em relação a estes sujeitos. Diante de tais reflexões permanece em nós a certeza da necessidade de realização de outros estudos acerca do rejuvenescimento da EJA, que traga no seu bojo a dimensão racial deste fenômeno.

Espera-se ter conseguido contribuir de forma significativa para uma visão positiva acerca do tema tratado, buscando romper estereótipos e preconceitos. Não seria este o papel do pesquisador? Duvidar de certezas? Para se compreender a relevância do presente estudo no âmbito da EJA faz-se necessário reconhecer que as desigualdades que perpassam nossa sociedade carregam as marcas do pertencimento étnico-racial dos sujeitos, para além e em detrimento de sua condição econômica o que, contudo, não significa o anulamento da condição de *sujeito histórico* dos/as negros/as. Requer ainda, um exercício de flexibilidade, para se aproximar e compreender as diversas formas de ser jovem, e de ser uma pessoa jovem negra. Sabemos que ainda há muito que investigar e esperamos poder continuar nossos estudos, contribuindo para que novas luzes sejam lançadas sobre o rejuvenescimento da EJA.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Resiliência**: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2004

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Educação de Jovens-Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Políticas de educacionais e desigualdades: à procura de novos significados. **Educ. Soc., Campinas**, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out.-dez. 2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> (acessado em 20 de março de 2018)

BOURDIEU, P. A “juventude” é apenas uma palavra! Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.112-121.

BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice (Org.). **Pierre Bourdieu**: escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 2011.

CARRANO, Paulo César. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, Belo Horizonte, v.1, n.0, p. 55-67, agosto. 2007.

CARRANO, Paulo César. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento**, p11-27, maio, 2004.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DAYRELL, Juarez (Org.). A educação do aluno trabalhador: uma abordagem alternativa. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 15, p.21-29, jun, 1992.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude e a Educação de Jovens e Adultos: reflexões iniciais novos sujeitos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 53-67.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Set /Out /Nov /Dez.2003.

DUBET, Francois. O que é uma escola justa? In: **Cadernos de Pesquisa**. v34 , n. 123, p.539-555, set/dez 2004

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

HADDAD, Sérgio (Coord.) **Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986 – 1998)**. Brasília, DF: MEC/INEP, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LAHIR, Bernard. Diferenças ou desigualdades: que condições sócio-históricas para a produção do capital cultural? **Revista Fórum Sociológico**, Nº 18. (II Série-2008) P79-85.

MARTINS, Lucienia Libania Pinheiro. **Afroresilientes: a resiliência de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional**. 2013. (Dissertação de Mestrado)

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; MIRANDA, Shirlei Aparecida de. (Org.). **Miguel Arroyo: educador em diálogo com nosso tempo/ textos selecionados de Miguel Arroyo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

PEREGRINO, Mônica. **Desigualdade numa escola em mudança: Trajetórias e embates na escolarização pública de jovens pobres**. Niterói, 2006 (Tese de Doutorado).

POETINI, Nádia Cinara Alves. **Estratégias Resilientes no contexto educacional: uma contribuição ao exercício da profissão docente**. PUC/ RS. 2010. (Trabalho de monografia).

SIMÕES, Helena Ralha. **Resiliência e desenvolvimento pessoal: novas ideias para compreender as adversidades**. Papa-Letras, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Racismo no Brasil**. 2ª Ed- São Paulo: Publifolha, 2010.- (Folha de São Paulo).

SILVA, Analise de Jesus. A formação inicial dos professores de adolescentes: os adolescentes existem na EJA? **Paidéia**, Ano 6, n 7, p.39-59, jul/dez. 2009.

SILVA, Analise de Jesus. Região metropolitana de Belo Horizonte (1996-2009): onde estão os jovens educandos negros? **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras/PB, v.3, n 5, p. 125-142, Jan-Jun 2013

SILVA, Natalino Neves da. **Juventude negra na EJA: o direito à diferença**. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. In: TAVARES, José. (Org.) **Resiliência e Educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

VALENTIM, Silvani dos Santos. Indicadores da qualidade na Educação de Jovens e Adultos: Estratégia de avaliação do percurso formativo. **Educação e Tecnologia**. V. 11, n. 2, p. 43-50, jul./dez. 2006.

VIANA, Maria José Braga. Novas abordagens da escolarização das camadas populares: uma revisão de estudos recentes acerca de trajetórias escolares de sucesso. **Vertentes**. São João Del-Rei, 1996, p.82-93.

YUNES, Maria Ângela Mattar. A Questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda. São Paulo, 2001 (Tese de Doutorado).

YUNES, Maria Ângela Mattar; SZYMANSKI, Heloísa. Resiliência: Noção, Conceitos Afins e Considerações Críticas. In: TAVARES, José (Org.). **Resiliência e Educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOBRE AS AUTORAS:

Silvani dos Santos Valentim

Doutora em Educação. Professora Associada do CEFET-MG, Belo Horizonte. Programa de Pós-Graduação em Educação e Coordenadora de Gênero, Relações Étnico-Raciais, Inclusão e Diversidades. Núcleo de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros/CEFET-MG; Núcleo de Estudos Sobre Gênero e Diversidades/CEFET-MG. Observatório de Gênero e Raça de Minas Gerais da Subsecretaria de Política para as Mulheres do Estado. E-mail: silvanisvalentim@gmail.com

Neusa Pereira de Assis

Graduada em História, Pós-graduada em História da Ciência, Educação de Jovens e Adultos pela UFMG e Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela UFOP, Mestra em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG, professora de história da rede pública de ensino de Belo Horizonte e Contagem, tutora da Universidade Federal de São João Del Rey, membro do Conselho de Promoção da Igualdade Racial de Contagem, Núcleo de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros/CEFET-MG e Fórum Permanente de Educação de Belo Horizonte. E-mail: neusapassis@gmail.com

Recebido em: 10 de janeiro de 2018
Aprovado em: 28 de fevereiro de 2018